

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL
28 de outubro de 2024

FILM, THE LIVING RECORD OF OUR MEMORY / 2021

Um filme de Inés Toharia Terán

Realização e Argumento: Inés Toharia Terán / *Direção de Fotografia:* Daniel Vilar / *Montagem:* Abraham Lifshitz, Inés Toharia Terán / *Música:* Robert Marcel Lepage / *Montagem Sonora:* Martin Cadieux-Rouillard / *Registo de Som:* Sergio Fernández Borrás / *Mistura de Som:* Michel Lambert / *Produção:* Paul Cadieux, Isaac Garcia Llombart / *Produção Executiva:* Maryse Rouillard, Isaac Garcia Llombart / *Participações:* Anna Adachi-Tash, Bede Cheng, Bede Cheng, Benjamin Chowkwan Ado, Bill Morrisson, Cecilia Cenciarelli, Costa-Gavras, Fernando Trueba, Frédéric Bonnaud, Jared Case, Janice Allen, Jonas Mekas, Joseph Bohbot, Ken Loach, Kevin Bownlow, Laure Adler, Luciano Castillo, Martin Scorsese, Paolo Cherci Usai, Patricio Guzmán, Peter Bagrov, Peter Becker, Ridley Scott, Serge Bromberg, Steve Bloom, Te-Ling Chen, Tina Ankarman, Wim Wenders, Vittorio Storaro, etc. / *Cópia:* DCP, cor e preto-e-branco, falado em inglês, francês e castelhano com legendas em inglês e com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 119 minutos / *Estreia Mundial:* 21 de outubro de 2021, Festival de Cinema de São Paulo / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

Com a presença da realizadora.

A palavra de ordem aqui é *preservar*. E a preservação do cinema é, segundo as palavras sábias de Peter Bagrov (George Eastman House), ditas perto do final deste documentário, uma “ongoing battle” que não nos deve dar o mínimo descanso. O desenlace do filme, enfrentando o problema da virtualização total dos suportes, e o que tal implicará em termos da salvaguarda do património cinematográfico, torna clara e urgente esta capacidade de dar resposta permanente aos desafios colocados pelo tempo em relação à *living memory* contida nos filmes. E estes ainda são uma matéria (mesmo que imaterial) extraordinariamente frágil a ser protegida e defendida face à pulsão consumista do mercado, sobretudo em momentos de “euforia tecnológica”, como é este em que vivemos, cada vez mais sugados que somos pela nuvem digital. Portanto, a outra palavra de ordem, mais ou menos velada aqui, mas igualmente importante, é *desconfiar*. Como se ouve a dado momento neste filme que contempla um rol impressionante de testemunhos de várias personalidades ligadas ao universo das cinematecas ou dos arquivos e da criação pelo mundo fora (a Cinemateca Portuguesa ficou fora da lista por motivos de força maior: a pandemia de Covid-19 que assolou o mundo), não devemos confiar em qualquer *media* para lá de um horizonte de três anos.

E o que significa, exatamente, isso de *preservar* a memória fílmica e, já agora, de *confiar* essa missão aos arquivistas? Bem, significa estar a par das tecnologias existentes, dos seus alcances e limitações, bem como ser sensível a uma ética que não redunde numa espécie de excesso de zelo. Com efeito, Bagrov – cito-o de novo – fala do perigo, muito contemporâneo, dos restauros que tiram *demasiado* partido das “condições de

possibilidade” oferecidas pelas novas tecnologias, indo além do que deviam (“over restoration”), algo que podemos associar à ideia, veiculada pelo atual diretor do nosso Arquivo Nacional da Imagem em Movimento (ANIM), Tiago Baptista, em entrevista ao *website À pala de Walsh*, de que, hoje, se discute o facto de se restaurarem não apenas ou propriamente filmes mas, mais até ou acima de tudo, de se restaurarem *ideias* de filmes – e, *hélas*, as ideias ardem tão fácil e intensamente quanto o velhinho nitrato. É preciso respeitar o passado, saber como o interpretar e preservar, para garantir o futuro e, como se avança a dado ponto, para que “a história não se repita”, quer dizer, para que não venhamos a cometer os mesmos erros, enquanto seres-na-História que inevitavelmente somos. E com vista a não negligenciarmos o que nos precede. É baseado neste diálogo com o passado e numa atenção redobrada e crítica (*desconfiada*) sobre os desafios do presente e do futuro que o documentário da espanhola Inés Toharia Terán tece um extenso reticulado de testemunhos, percorrendo o globo para, assim, revelar uma família pouco conhecida: a dos arquivistas. Podemos tentar abarcar esta grande família debaixo de um chapéu chamado FIAF – International Federation of Film Archives, federação internacional das cinematecas e arquivos nacionais de todo o mundo (ou de grande parte dele). Mas não podemos, ao fazê-lo, fugir a questões políticas que separam um Norte desenvolvido de um Sul a precisar de apoios para garantir ou promover a conservação, restauro e acessibilidade universal do respetivo património audiovisual. Por isso, há quem dispare a ideia, interessante e algo provocadora, de que a preservação é, ainda hoje, um assunto do primeiro mundo.

Film, The Living Record of Our Memory talvez nunca aprofunde temas incómodos, e alguns deles são de facto importantes e até urgentes, mas não deixa de aludir a estes e, sobretudo, de acalantar a curiosidade do espectador cinéfilo relativamente ao que se passa não por detrás do ecrã, mas por detrás dos cofres onde se guarda a nossa *living memory*. Um bem interessante acervo de películas deterioradas e como estas foram restauradas de maneira quase “milagrosa”, ou reencaminhadas para exercícios de cinema *avant-garde* (a presença de Bill Morrison “sinaliza” esta possibilidade estética e política) são alguns dos materiais e processos trazidos à liça. Mas também se revelam títulos de um arquivo que não pára de crescer em termos mundiais, graças a este esforço coletivo, empreendido com maior ou menor sucesso nos quatros cantos do mundo, a saber: como é que **Faust** (1926) de F. W. Murnau foi salvo das garras do nazismo pelo mítico diretor da Cinemateca Francesa Henri Langlois? Como é que **Metropolis** (1927) de Fritz Lang se assemelha a um *puzzle* em contínua formação, quando se descobre aqui e acolá mais uma peça, quer dizer, uns metros de película em falta? Como é que os *copyrights*, associados apenas à fotografia impressa nos primeiros dias, salvaram algumas obras de Griffith? E quais os desafios inerentes ao processo de restauro de um *travelogue* verdadeiramente de cortar a respiração de tão belo que é como **The Great White Silence** (1922) de Herbert Ponting? A lista de temas e “casos” é vasta e rica em pérolas que fazem arregalar os olhos a qualquer cinéfilo que se preze.

Mas o filme de Inés Toharia Terán também sublinha a importância de se preservarem os filmes amadores, noticiosos, publicitários, quer dizer, toda a “arte vernacular” que outros como nós no seu tempo terão rejeitado enquanto “coisas sem valor e descartáveis”. E, reforce-se, não importa o estado em que encontremos estes frágeis filmes ou as maiores obras-primas do cinema mundial. O caso do incêndio que “vitimou” várias obras do sublime realizador indiano Satyajit Ray é, neste ponto, particularmente comovente, nele ecoando o dito verbo de ação: *preservar*. E se tudo isto é da ordem do muito concreto – e até científico –, porventura mais do que da ordem do fetiche e do fascínio cinéfilo, a

verdade é que também se reserva aqui algum espaço para a pura especulação: como seriam os nossos “manuais” de história do cinema se não tivéssemos perdido grande parte do acervo do cinema mudo? Se as boas práticas – e os bons ímpetos – arquivísticos tivessem “agência” desde os primeiros anos, estaríamos hoje a contar toda uma outra história? Uma história que seria necessariamente mais universal, mais rica em paisagens e culturas? Com outros “gigantes” a pedirem meças aos Deuses do nosso atual Olimpo cinematográfico? A própria realizadora explicou, de maneira sucinta e útil, o projeto deste filme, antes da sua exibição na Cinemateca Suíça (consultável no YouTube), há cerca de dois anos: “Sem a preservação do cinema, não tínhamos uma história do cinema. Os filmes não teriam sobrevivido.” E nós, o que seria de nós sem eles, os filmes postos a salvo pelos arquivistas? Talvez vivêssemos num perigoso vácuo sem referências e, portanto, permeáveis a um futuro muito pouco auspicioso.

Luís Mendonça